**EIXO TEMÁTICO:** Tecnologia Educacional

**INTERVENÇÃO COM PROFESSORES DA SEGUNDA GERÊNCIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO EM MEIO A COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Lielson WANDERLEY¹, Ma. Sônia Helena Costa Galvão de LIMA²

(1Graduando do curso de Psicologia do Cesmac;² Professora/Orientadora do trabalho de conclusão de curso de Psicologia, Cesmac.

0.mastermind.abs@gmail.com

Sonia.lima@cesmac.edu.br)

**RESUMO:** O objetivo do estudo foi descrever, estudar e compreender, a partir, da experiência vivida no estágio obrigatório em processos educacionais, a intervenção de estagiários de psicologia junto a professores da Educação de jovens e adultos da 2ª Gere, mediante um novo cenário educacional, o que deu origem a seguinte questão de pesquisa: As intervenções psicoeducativas remota no estagio de psicologia junto a professores da Educação de jovens e adultos da 2ª Gere, contribuiram no enfrentamento do ensino remoto em tempos da COVID 19? Para viabilizar o estudo foi adotada a abordagem de natureza qualitativa, na qual o processo e seu significado são os focos principais da abordagem. Do ponto de vista dos seus objetivos, corresponde a uma pesquisa descritiva, que retrata a experiência vivida no desenvolvimento de um projeto de intervenção com professores da Educação de Jovens e Adultos. Dessa forma, a ação interventiva se constituiu de três momentos: no primeiro momento – o desenvolvimento de uma escuta terapêutica; No segundo momento – a promoção de um relaxamento hipnótico de base Ericksoniana; No terceiro momento – um digesto dos momentos anteriores, pela exposição das experiências individuais. Como resultado, podemos verificar que apesar da escassez do tempo destinado ao estágio, as intervenções psicoeducativas foram significativas na promoção de reflexões, condições de aprendizado e reorganização psíquica.

**Palavras-chave:** Professores. Saúde mental. Psicoeducação.

**INTRODUÇÃO**

Este relato de experiência visa fomentar os trabalhos de promoção de saúde mental, em relação a professores da rede pública, no âmbito da psicoeducação, por parte dos estagiários de psicologia com ênfase educacional, ou mesmo ênfase clínica. A razão dessa iniciativa passa pela consciência do papel do psicólogo, como um todo, mas especialmente no que tange à psicologia escolar, (e à prática clínica) em sua atuação como um agente de mudança! Tal mudança quiçá seja o ponto de junção entre as práticas docentes e do psicólogo, especialmente nas ênfases já citadas, o que, não por coincidência, não poderia ser melhor definida do que nas palavras ímpares do gênio educador Paulo Freire: “se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa” (2007, p. 22). É de um óbvio ululante o fato de que tal humanização torna imprescindível o respeito e a valorização das capacidades deste mesmo homem, de sua própria humanidade e das capacidades a eles inerentes.

Não se faz educação ou psicologia sem uma profunda valorização prática vivencial de tais aspectos! E, levando-o em consideração, como um fiel de balança na qual se baseie uma práxis ética; isso, por si só, já promove libertação. Tal libertação para ser efetiva exige saúde mental, consciência das próprias capacidades e valorização deste mesmo processo transformador, não de um modo utópico ou perversamente ufanista; mas sim, de um modo concreto e concretizável com bases nos potenciais curativos e interventivos desse mesmo homem; para ilustrar tal perspectiva, nada melhor que as palavras de Vásquez que afirmou:

“... Entre a teoria e a atividade prática transformadora se insere um trabalho de educação das consciências, de organização dos meios materiais e planos concretos de ação: tudo isso como passagem indispensável para desenvolver ações reais, efetivas. Nesse sentido, uma teoria é prática na medida em que materializa, através de uma série de mediações, o que antes só existia idealmente, como conhecimento da realidade ou antecipação ideal de sua transformação" (VÁSQUEZ ; 1977, p. 206-207)

Deste modo, e sendo um trabalho voltado ao contexto pandêmico, já citado, três aportes teóricos se faziam necessário: um que embasasse o posicionamento “filosófico” que norteasse a própria efetivação do trabalho interventivo, assim como de seu planejamento; um que respaldasse a práxis com o conhecimento sobre o contexto de saúde pública, e suas consequências durante a pandemia de COVID-19, e um que respaldasse e orientasse umas das proposições fundamentais àquele trabalho: desse, por meio da psicoeducação, condições de aprendizado e reorganização psíquica. Tais aportes, somados garantiriam uma práxis, ética, educativa e psicológica de transformação por meio das próprias capacidades do indivíduo, de promover saúde mental através de uma prática que o sujeito pudesse adotar sem o auxílio direto de um profissional.

Para tanto, entre outros autores que constituíram a bibliografia, destaca-se aqui Paulo Freire, como um guia para a prática educacional em sua vertente mais realista, revolucionária e transformadora, fomentadora de autonomias, bem na vertente de transformação psíquica a ser aprendida e adotada pelos Docentes; Milton H. Erickson, que com sua visão humanista e igualmente transformadora, crê na autonomia e no potencial do cliente para a promoção da própria cura através do seu inconsciente e da reorganização e ressignificação por ele promovida, no intuito de produzir não apenas homeostase psíquica, mas transformações a ela associadas e dela derivadas em muitos outros âmbitos que não apenas o tratado; ENUMO e co-autores, contextualiza esta realidade pandêmica muito nova em diversos aspectos tratando da questão das forças estressoras ligados ao período, particularmente por sua longa duração, mas também por uma gama de outras questões, todas, infelizmente, muito pertinentes à escola e, mais particularmente, aos profissionais de educação.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

A busca por uma epistemologia que embasasse e amparasse a condução humanística, fenomenológica existencial, no âmbito da psicoeducação que norteou o trabalho, deu-se de tal modo natural (por ter sido um trabalho de promoção e fomento da saúde mental, tendo por alvo os professores da rede pública) que esta mesma epistemologia tornou-se um mero reflexo da grande e positiva influência do holos que constituiu a formação acadêmica dos estagiários condutores desse trabalho; no que diz respeito à academia per si; aqui, mais especificamente, o curso de Psicologia do CESMAC que, em sua matriz curricular, contempla aspectos vários no que tange à saúde, aos aspectos sociológicos, humanísticos e fenomenológicos; dotando os educandos de uma visão ampla sobre o sujeito, sua historicidade e o locus no qual está inserido tanto física como socialmente, permitindo uma visão mais plural e mais terapêutica sobre esse mesmo sujeito. Colaborando e ampliando essa formação, e toda a instrumentalização que fornece, também é possível citar formações outras no mesmo âmbito, como o curso de formação em terapia ericksoniana, ofertada há quase duas décadas pelo Instituto Erickson do estado de Alagoas.

Deste modo, com tal epistemologia como leme, foram traçados o objetivo geral do estágio, e os objetivos específicos a saber: Geral - Contribuir para uma reflexão psicoeducativa frente a essa nova realidade remota. Específicos - promover a escuta terapêutica das queixas e ansiedade do público alvo; instrumentalizar o público alvo através da psicoeducacão, que o faça reconhecer e utilizar seus próprios potenciais com fins terapêuticos para obtenção de saúde mental; e, finalmente, debater o digesto deste mesmo processo de instrumentalização. Para cumprir tais intentos, foram dispostos três momentos, com duração de uma hora, nas seguintes datas: 03/08/20 (segunda-feira), 04/08/20 (terça-feira) e o fechamento 10/08/20 (segunda-feira), os quais visavam cumprir os objetivos específicos e alcançar o objetivo geral do trabalho interventivo.

O primeiro momento, mais destinado à coleta de queixas e demandas, durou uma hora, e baseou-se na escuta terapêutica, o qual se concentrou num espaço proporcionado para escuta, para que os professores relatassem suas dificuldades, suas situações, e novos desafios durante essa atual modalidade de ensino; que pudessem sentir nesse espaço acolhimento, respeito às suas necessidades apresentadas, e pudessem experienciar que existem pessoas que se importam com o sofrimento que carregam durante o cotidiano, assim como na sala de aula.

O segundo momento, com a duração de uma hora, constituiu-se de uma dinâmica de grupo com base ericksoniana, com relaxamento e o despertar dos potenciais no âmbito psicoeducacional. Embora de modo velado, o segundo momento destinou-se a objetivos terapêuticos bem específicos. Inicialmente houve uma condução de um transe hipnótico formal, sob a égide de um relaxamento. O termo “relaxamento” foi utilizado com a natureza ambígua que a própria terapia ericksoniana preza: por um lado, de fato, dá-se no decorrer do processo hipnótico um relaxamento físico e mental, e, por outro lado, criam-se as condições necessárias a acessar o inconsciente de modo mais direto evitando resistências.

Assim, inicia-se o segundo momento com tal relaxamento e, subsequentemente o transe. Nele, três trabalhos foram desenvolvidos:

1- Com inspiração nas técnicas da Drª Teresa Robles, levou-se os sujeitos a rememorarem/criarem o seu “lugar feliz”. Tal lugar imagético e idiossincraticamente imaginado, repleto de lembranças e vivências positivas, e com potencial para a alegria, é duplamente terapêutico: por um lado, quebra o padrão mental muito voltado a dor e ao sofrimento vivenciado o que só os enfatiza; e por outro, leva tal padrão mental, tal vibração, para aquilo que tem caráter benigno e positivo, gerando mudanças na realidade em que se insere o sujeito, uma re-construção da realidade. No livro Concerto para quatro cérebros em psicoterapia, a ericksoniana Teresa Robles comenta sobre as palavras de Ernest Von Glasersfeld.

2. Ainda sob a inspiração de Teresa Robles, uma segunda atividade terapêutica foi desenvolvida: a reconfiguração da representação metafórica dos mecanismos psíquicos de proteção e defesa do indivíduo. Tal representação, igualmente imagética e, obviamente idiossincrática, também não é de conhecimento do terapeuta/estagiário, e nem precisa ser. Ainda dentro do “lugar feliz” da primeira técnica, essa segunda, igualmente indutiva é sugerida. Depois da indução para visualizar mental e imageticamente tal “muro” pediu-se verificar as condições dessa representação, reparando as possíveis falhas “estruturais” existentes, reconfigurando e fortalecendo as possíveis fragilidades que acaso apresentem, ou mesmo descartando-a e construindo um novo modelo imagético representativo dessas mesmas defesas. Essa reconfiguração imagética é uma das chaves a que se refere, na citação anterior, a autora, servindo para re-construir a realidade psíquica, promovendo, assim, saúde mental.

3. O terceiro trabalho deu-se já após o fim do transe formal, após as duas primeiras técnicas serem aplicadas, com a solicitação de que o sujeito configurasse uma “chave mágica”, igualmente mental e imagética, com a qual ele poderia voltar ao seu “lugar feliz” sempre que quisesse e/ou precisasse. Assim, ao fim do transe foi lançada a sugestão pós hipnótica de que, sempre que o sujeito voltasse ao seu lugar feliz, repetindo o passo a passo que foi seguido, quando na indução hipnótica original, ele voltaria desse lugar feliz repleto da paz, do bem estar e da alegria proporcionados por tudo de bom que lá se encontrava. Dispensável salientar o viés totalmente psicoeducativo inerente.

O terceiro momento, de digesto, visou ratificar o instrumento terapêutico fornecido, como eficaz, por meio do testemunho das experiências dos que se despuseram a compartilhá-las, e da subsequente ratificação da sugestão pós hipnótica, desenvolvida no fim do segundo momento, na qual há o empoderamento do sujeito como agente de sua própria homeostase psicoemocional. Essa não é apenas uma ação de reconfiguração da realidade psíquica, é uma psicoeducação ativa, que fomenta autonomia; mas também é um ato revolucionário quando se ergue firmemente em oposição! Uma oposição necessária e promotora de saúde mental, frente a uma realidade (especialmente trabalhista, no âmbito escolar, conforme foi colhido no primeiro momento terapêutico) adoecedora, entristecedora, e castradora de múltiplas maneiras.

Dessa forma, para viabilizar o estudo foi adotada a abordagem de natureza qualitativa, na qual o processo e seu significado são os focos principais da abordagem. Do ponto de vista dos seus objetivos, corresponde a uma pesquisa exploratória e descritiva, que retrata a experiência vivida no desenvolvimento de um projeto de intervenção com professores da Educação de Jovens e Adultos.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O campo deu-se de forma virtual, por intermédio de reuniões promovidas por meio do aplicativo Microsoft Teams, tendo como realidade o contexto pandêmico e constituiu-se do arcabouço de professores pertencentes ao todo institucional que engloba a segunda Gere, entre os quais seriam trabalhados os pertencentes a 14 escolas da 2ª gerência, a partir de onde 30 professores seriam selecionados, havendo margem para um segundo grupo de mesmo número.

As escolas partícipes estavam situadas na Barra de São Miguel; na cidade de Campo Alegre; na cidade de Anadia; na cidade de Boca da Mata; na cidade de Coruripe; na cidade de São Miguel dos Campos, na cidade de Teotônio Vilela; e na cidade de Junqueiro.

Houve uma reunião inicial de apresentação da proposta, na qual os gestores em diversas instâncias, e alguns dos profissionais docentes que constituem tal gerência estavam presentes. Nesta mesma reunião, que a priori entendeu-se ser voltada para a ação cooperativa e parceira firmada entre o CESMAC e a segunda Gere.

Também verificou-se, no decorrer dos encontros, um clima de incerteza e desconfiança para com os estagiários, cujo motivo, verbalizado(!), deveu-se ao medo do que aconteceria, e do que seria feito com os conteúdos colhidos, entre o que fosse ali feito, dito ou discutido. As razões para isso vão para além do desconhecimento dos partícipes, mas principalmente, por uma gama de reuniões anteriores, igualmente “não identificadas” (das quais aqueles professores participaram) serem mais instrumentos de adoecimento psíquico; uma vez que cobravam sempre mais e impossíveis agendas geradoras de profundo estresse e angústia.

Nas palavras testemunhais de vários partícipes, eles estavam em um franco processo de profundo adoecimento psíquico. Aquela reunião, o primeiro momento de intervenção terapêutica, soava para eles como pouco preocupada com a pessoa, palavra que, segundo o cantor e compositor Belchior, não soava bem desde os idos das décadas de 1960/1970. Mais academicamente, Castro et al, já afirma:

O adoecimento psíquico em professores, (...) tem levado a maiores repercussões devido aos danos causados direta e indiretamente, não somente sobre suas atividades e desajustes perante as atribuições laborais, mas também sobre a qualidade de suas relações com o ambiente educacional, chegando a repercutir diretamente na aprendizagem dos estudantes. (CASTRO et al, 2003)

Sendo assim, é preciso enxergar e compreender os meandros sócio-políticos e ideológicos que permeiam não só a coisa pública, mas o sistema no qual todos estão inseridos e, por consequência, a própria escola como o microcosmos desta mesma realidade; mas também o agente primal de sua transformação! Para tanto, vale lembrar das palavras de Araújo:

“Entender que a escola não é nem a fonte essencial das desigualdades sociais, nem reflete passivamente a ideologia dominante (...) é defender que há, na instituição escolar, intencionalidades, finalidades, utilidades que lhe permitem re-interpretar e resignificar a ideologia ao difundi-la ou transmiti-la.” (ARAÚJO, 2003, p.21)

É mister entender que tal adoecimento é fruto de um processo, perene e perverso! Só assim para causar tais efeitos, não sendo rara a epistemologia que aponta na direção que embora o estresse seja um fenômeno complexo e, muitas vezes, multifatorial, resulta de um processo contínuo e gradual que não acontece de modo repentino, e nem ao acaso (SILVA, 2000).

A tensão psicoemocional daí resultante é imensa, e justo por não saber elaborá-la, por não se ter os instrumentos para tanto, o corpo e a mente adoecem, com relatos comuns de desgaste físico e mental, falhas de memória, apatia, sofrimento, desinteresse por coisas antes prazerosas, questionamento sobre a própria competência e baixa autoestima (LIPP, 2004).

Assim, o quadro parece sugerir franco adoecimento dos professores, fato que carece de maior investigação por parte de trabalhos posteriores. Longe do número proposto (60 partícipes) chegou-se a um total (teórico) de apenas 24 no primeiro momento interventivo, apesar de terem sido disponibilizados para tal trabalho, mais de uma dúzia de colégios. Resta a pergunta: tendo um total de 14 escolas envolvidas e, nessas escolas estaduais tendo um número hipotético, e abaixo da realidade, de apenas 20 professores cada, seria algo como 280 professores – será que apenas vinte e poucos deles estariam dispostos a receber ajuda terapêutica justo nesse período pandêmico?

No mais, o que fica sobejamente patente é uma profunda desolação, e desvalia por parte daqueles profissionais, verdadeiros heróis que em meio a tais quadros (que se somam a outros, pessoais, igualmente alarmantes (como o testemunho de uma mãe, cujo filho de apenas dois anos sofre de diabetes tipo 2)) ainda pensem em seus alunos prioritariamente. Uma das professoras ali presentes verbalizou que sequer podia chorar, ou mesmo demonstrar suas angústias e ansiedades, pois seus alunos, que também passam por dificuldades igualmente assombrosas, têm nela uma referência de força e segurança, fazendo-a, assim, se sentir impedida de sofrer para não agravar os sofrimentos deles. Tal profunda empatia e altruísmo por parte de muitos desses profissionais parece ser pago com descaso e exigências múltiplas, porém, o ser humano sempre deve ser considerado em primeiro lugar.

Para os professores envolvidos, a ação interventiva, foi vista com profunda incerteza e desconfiança, o que explica a dificuldade de se estabelecer rapport, e as consequentes desistências nos momentos subsequentes, levando a um total de apenas 15 partícipes no terceiro momento (importante destacar que alguns dos que participaram de momentos anteriores viram-se impedidos de participar dos subsequentes, justo por não terem sido liberados das atividades para as quais estavam destinados, particularmente nos dias das intervenções subsequentes).

A análise crítica a que se chega é que o fazer psicológico sério incomoda! E que feliz que assim o é! Mas isto só é possível com a consciência desse fato, e que nem o psicólogo nem a psicologia devem deixar de servir ao ser humano. Ultra importante também é lembrar que não há neutralidade possível! Só nos resta a nós, psicólogos (e estagiários) nos erguermos e nos posicionarmos em favor da pessoa! Não há conciliação de classe e não há espaço para a passividade, como nos lembra, sábia e indubitavelmente, Paulo Freire: “Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? ‘lavar as mãos’ em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.” (FREIRE, 2004, p.57)

O segundo momento interventivo transcorreu a contento, no entanto com um número de apenas 18 partícipes. Antes do momento em si, ficou clara a grande necessidade de escuta por parte dos professores, muitos deles ainda se colocaram, imbuídos do espírito de escuta do primeiro momento. A realidade pandêmica que quase inviabilizou o cumprimento do próprio estágio e seu intento, por parte dos estagiários, apresentou face ainda mais perversa quando não permitiu o prolongamento do momento de escuta, devido ao tempo exíguo, e mais que limitado, dentro de um planejamento estrito; de tal fito, que pouco se pôde extender essa escuta, no segundo momento, devido à premente atividade interventiva, psicoterapêutica, sob pena de não haver o segundo momento. A base epistemológica para a práxis psicoterápica foi a ericksoniana. Esta escolha deveu-se não apenas ao fato de que atua em consonância com as demais epistemologias adotadas, respeitando as potencialidades e autonomias do indivíduo, assim como suas idiossincrasias , mas também por servir a propósito psicoeducacional, tônica da intervenção como um todo.

Sendo assim, o segundo momento como um todo é baseado não na condução hipnótica, mas, sim, na sugestão hipnótica, o que realmente dá o status protagonista ao cliente, e exige do psicólogo (ou estagiário) uma extrema atenção em tudo que este cliente traz ao set terapêutico, pois este holos é, per si, material terapêutico a ser utilizado pelo psicólogo justo em benefício de seu cliente. Tal princípio da escola ericksoniana, o da utilização, explica a vital importância do primeiro momento, e do encadeamento sequencial estrito dos momentos interventivos subsequentes.

Dessa forma, tendo por norte a utilização dos conteúdos colhidos no primeiro momento de escuta terapêutica, procedeu-se as sugestões hipnóticas e pós-hipnóticas. As hipnóticas, aqui já citadas, constituíram-se de dois exercícios imagéticos: a construção do “lugar feliz” idiossincrático de cada partícipe, lugar para o qual tudo de bom, produtor de alegria, de “boniteza” (para citar Freire), de paz e de felicidade poderia e deveria ser levado; e o reparo ou reconstrução (igualmente imagéticos) do muro ou cerca que representasse as defesas e proteções psíquicas do indivíduo (também em âmbito idiossincrático). A sugestão pós hipnótica empodera o partícipe ensinando-o que não apenas pode voltar de “lá” dotado de tudo de bom que experienciar, rememorar, ou sentir.

O terceiro momento terapêutico destinou-se a alguns propósitos muito específicos. Inicialmente, serviu como um modo de compartilhar a experiência pessoal da vivência do segundo momento, e as possíveis utilizações autônomas do recurso nos dias de intervalo entre o segundo e o terceiro momentos (seis, no total). Por outro lado, teve o propósito tácito, velado, mas importantíssimo, de ratificar a efetividade do recurso terapêutico como um meio de obter homeostase psicoemocional, alívio e “cura”, por meio dos testemunhos daqueles que se dispusessem a dá-los. Finalmente, o terceiro momento teve a tarefa final, mas não menos importante, de atuar operando e semeando um outro princípio básico da escola ericksoniana: a Expectativa Positiva.

Deste modo o terceiro momento constituiu-se de apenas quinze partícipes, lamentavelmente, mas muitos deles compartilharam suas experiências de modo rico e proveitoso, compartilhando vivências e idiossincrasias, como o exemplo de um professor cujo lugar feliz era em meio a uma forte tempestade com inúmeros raios e trovões. Mas não apenas as experiências vividas no segundo momento foram relatadas, cerca metade dos partícipes relataram terem utilizado o recurso autonomamente em suas casas. Todos relataram maior nível de homeostase, alívio psíquico e emocional, melhor qualidade de sono e mais paz. Tamanha era a necessidade de cuidado, de atenção e de recursos que chegaram mesmo a agradecer e lamentar a descontinuidade das intervenções. O “clima” era mais leve e muitos deles riram pela primeira vez, ao contar o inusitado das experiências com o recurso, atestando tácitamente que a psicoeducação deu-se a contento e, como desejável cumprindo os três objetivos do terceiro momento.

**CONCLUSÕES**

Pode-se afirmar, com segurança, que o trabalho alcançou o objetivo geral a que se propôs, contribuindo para uma reflexão psicoeducativa frente à nova realidade remota, não apenas por ter instrumentalizado os sujeitos com as condições de, através da psicoeducação por eles obtida, ressignificar e reconfigurar sua psique em busca de uma homeostase advinda da mobilização de seus próprios recursos, como também por ter aberto e contribuído academicamente para esta mesma reflexão frente a quadros inéditos na história, no fazer terapêutico e no papel da própria intervenção psicoeducacional nestes tempos pandêmicos.

Entre os três objetivos específicos estava, primeiramente, promover uma escuta terapêutica das queixas e ansiedades do público alvo. Tal objetivo deu-se à contento e concretizou-se na materialização do primeiro momento interventivo, aqui já mencionado. A efetividade desta prática pôde ser verificada, sobretudo no terceiro momento interventivo, de digesto, na qual a importância do primeiro momento foi mencionada, espontaneamente pelos sujeitos.

O segundo objetivo específico está atrelado firmemente à psicoeducação, e foi devidamente alcançado através do segundo momento interventivo, no qual o públicos foi instrumentalizado sob um prisma ericksoniano com uma forma de mobilizar os próprios recursos e capacidades para fins terapêuticos e promoção de autocura e saúde mental, fato também retificado pelo terceiro momento interventivo.

O terceiro objetivo específico concretizou-se à contento no terceiro momento interventivo, no qual um debate sobre o processo de instrumentalização e seus resultados psicoeducacionais foi realizado. O debate não apenas ratificou a sugestão pós hipnótica; como , principalmente, validou e consolidou o uso da ferramenta obtida psicoeducacionalmente por meio dos testemunhos dos próprios partícipes quanto à eficácia e aos benefícios.

**REFERÊNCIAS BILBIOGRÁFICAS**

**ARAUJO, Claisy Maria Marinho, ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. Psicologia escolar institucional: desenvolvendo competências para uma atuação relacional. In: ALMEIDA, F.C. de (Org.). Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação profissional. Campinas: Alínea, 2003.**

**CASTRO, J. A. C. *et al..* Prevalencia del síndrome de Burnout em los maestros.Resultados de una investigación preliminar. Psiquiatria.com, v. 7, n. 1, 2003. Disponível em: https://psiquiatria.com/estres/prevalencia-del-sindrome-de-burnout-enlos-maestros-resultados-de-una-investigacion-preliminar/. Acesso em: 13 mar. 2019.**

**ENUMO, S. R. F., Weide, J. N., Vicentini, E. C. C., Araujo, M. F., & Machado, W. L. (2020). Enfrentando o estresse em tempos de pandemia: proposição de uma Cartilha. *Estudos de Psicologia* (Campinas), 37, e200065. http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200065**

**FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007**

**FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004 (Coleção leitura).**

**FREIRE, P. (1996). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. (28º ed.) São Paulo: Paz e Terra.**

**LIPP, M. E. N. Stress no trabalho: implicações para a pessoa e para a empresa. In: NUNES SOBRINHO, F. P.;**

**ROBLES, Teresa. *Concerto para quatro cérebros:* em psicoterapia. Belo Horizonte: Diamante, 2001a.**

**ROSSI, Emest L. (ad.). *The collected papers of Milton H. Erickson on Hypnosis.* New York: Irvington, 1980. 4 v.**

**SILVA, F. P. P. Burnout: um desafio à saúde do trabalhador. Revista de Psicologia Social e Institucional, Londrina, v. 2, n. 1, p. 82-109, 2000.**

**VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da praxis. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. 2. ed, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.**

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço inicialmente à minha esposa, Renatha Wanderley, companheira de todas as horas, que muito contribuiu com todo o meu processo acadêmico, sendo inspiração e guia para meus delírios mais produtivos... e que, com um hino de risos(que ainda, e perpetuamente, semeia uma alegria atônita nesse velho espantalho inútil), sempre mantêm a minha saúde mental, nas horas mais nebulosas.

 Agradeço imensamente à minha orientadora, Profa. Ma. Sônia Helena Costa Galvão de Lima, que com muita generosidade abraçou este trabalho desde a primeira hora, guiando-o com lucidez, competência e um espírito academicamente democrático, lamentavelmente raro e profundamente invejável no momento histórico em que vivemos. Sem ela esse trabalho nunca se concretizaria à contento.

 Por último, mas não menos importante, agradeço especialmente à professora Rosiete Pereira da Silva, cuja aura inspiradora e mestria não só norteou brilhantemente o trabalho origem desse relato, mas inspirou-me a mim, plenamente, para além da vida acadêmica, na seara educadora, na senda dos estudos psicológicos e na vida como um todo.